

este por um grupo de correligionários do barão de Lucena, que residia no Rio. O jornal do governo era o velho *Diário de Pernambuco*, dos Rosa e Silva, dirigido por Rosa e Silva Júnior. Joaquim Pimenta, Raul Azedo e Rodolfo Gomes fundaram *O Norte*, de curta duração e onde trabalhou Eliseu César, que se retirara do Pará, com a queda, ali, da oligarquia Lemos, e onde fizera parte de outro grande jornal típico de província próspera, no caso devido à borracha, *A Província*, em que escreviam Humberto de Campos e Alves de Sousa. *A Evolução* era uma revista de cultura, dirigida por Raul Azedo. Trajano Chacon dirigia *O Pernambuco*, de Henrique Milet; teria morte trágica, assassinado, quando do governo Dantas Barreto.

A modernização da imprensa antecipou-se no Rio de Janeiro: logo ao iniciar-se o século, Paulo Barreto fez, para a *Gazeta de Notícias*, a série de reportagens reunidas depois no volume *Religiões do Rio*, seguidas daquelas sobre feitiços e feitiçeiros, e, em 1905, pelo inquérito *O Momento Literário*, também sepultado em livro. *A Imprensa*, de Alcindo Guanabara, revelava, em 1903, um cronista mordaz, Adoasto de Godoy, vindo de S. Paulo, e que estará, em 1916, com Antônio Torres, que escrevia no mesmo estilo, na *Gazeta de Notícias*. Em 1904, o problema da vacina obrigatória repercute na imprensa, cujos órgãos mais combativos, como o *Correio da Manhã*, lutam, não contra a vacina, mas contra os processos de que usam as autoridades para impô-la; a exaltação chega aos limites do motim, a Escola Militar revolta-se, na Praia Vermelha e combate-se na rua da Passagem. O governo toma, então, severas medidas contra a imprensa, suspendendo a circulação do *Comércio do Brasil* e da *Gazeta de Notícias*. As obras da Avenida chegam ao fim e os grandes jornais começam a construir ali os seus edifícios próprios. É o que acontece com o *Jornal do Brasil* que, a essa altura, além das despesas com a construção da nova sede, tem as de reequipamento gráfico, recebendo as primeiras linotipos que o Rio conheceu, máquinas de impressão em cores, *clichérie* do sistema fotomecânico. Tudo isso leva à liquidação da firma Mendes & Cia., passando a empresa a sociedade anônima, presidida por Carvalho de Moraes, tendo como acionista Ernesto Pereira Carneiro, que redige a parte comercial e financeira. É a 1º de agosto de 1906 que o *Jornal do Brasil*, passando os pequenos anúncios para a primeira página, imitando jornais como o *New York Herald*, *The Times*, *La Prensa*, *La Nación*, apresenta a fisionomia que se tornou tradicional. Em 1907, o seu cabeçalho é impresso em vermelho e, aos domingos, o jornal distribui suplemento colorido: o crime de Roca e Carleto é amplamente divulgado, com ilustrações de Raul. A 15 de dezembro de 1909, fica pronto o edifício da Avenida.

A política, apesar de constituir quase uma rotina, de raro em raro